

Efeitos socioestilísticos em abordagens sociofuncionalistas: perguntas na fala, na escrita e na sala de aula

(Socioestilistics effects on sociofunctionalist approaches:
questions in speech, writing and classroom)

Raquel Meister Ko. Freitag¹

¹Departamento de Letras – Universidade Federal de Sergipe (UFS/CNPq)

rkofreitag@uol.com.br

Abstract: In this paper, we contribute to the debate and the strengthening of sociofunctionalist approach by discussing the effects of social factors on the emergence and regularization of linguistic phenomena. The non-significance of socioestilistic factors are tested based on grammaticalization of questions as strategies of textual organization. We verify if this is related to the stability of the phenomena analyzed, or if it is an effect of a methodological constraint. Speech, writing and classroom situation data are analyzed. The quantitative results suggest that the corpus does not restrict the occurrence of the functions of questions, but it constrains gradations of frequency.

Keywords: Social Factors. Questions. Sociofunctionalism.

Resumo: Neste texto, a fim de contribuir para a reflexão e o fortalecimento da proposta de interface sociofuncionalista, discutem-se os efeitos dos fatores sociais em fenômenos de emergência e regularização. Tomando por base o fenômeno de gramaticalização de perguntas como estratégias de organização textual, discutimos se a não significância de fatores socioestilísticos se deve à estabilidade dos fenômenos que vêm sendo analisados, ou decorre de uma restrição metodológica. Foram analisados dados coletados em situação de fala, de escrita e de sala de aula. Os resultados quantitativos sugerem que o corpus não restringe a ocorrência das funções das perguntas, mas impõe gradações de frequência.

Palavras-chave: Fatores sociais. Perguntas. Sociofuncionalismo.

Introdução

Tendência recente no campo dos estudos linguísticos, os estudos de interface sociofuncionalista têm se mostrado profícuos na abordagem de fenômenos de variação e mudança, especialmente em domínios gramaticais mais altos (cf. NARO; BRAGA, 2001; TAVARES, 2003; LIMA-HERNANDES, 2005; FREITAG, 2009). Essa interface teórica permite que se averiguem os efeitos sociais que dinamizam processos de emergência e regularização de itens/construções (gramaticalização, em uma perspectiva ampla). Tal perspectiva tem ampliado o foco dos estudos de gramaticalização para além da trajetória de mudança item/construção, incorporando as expansões e limites no escopo do domínio funcional. São exemplos dessa abordagem, no português, a gramaticalização no domínio da sequenciação retroativo-propulsora, com as formas *e*, *(d)áí*, *então* (TAVARES, 2003) e variação na expressão do passado imperfeito (FREITAG, 2007), entre muitos outros, em domínios que vão da gramática ao discurso. Tal abordagem tem focado fenômenos variáveis em níveis gramaticais mais altos, para além (muito além) da fonologia.

Estudos nessa perspectiva de interface teórica baseiam-se na análise de usos linguísticos estratificados, aos moldes do que a sociolinguística variacionista vem aplicando,

com bancos de dados, células sociais e, por conseguinte, fatores sociais são, também, controlados, a fim de indiciarem a dinâmica da mudança. Nos resultados, entretanto, à exceção da faixa etária (que permite a elucidação de trajetórias), os fatores de natureza social e estilística têm se mostrado pouco significativos nessas análises, cenário que fomenta questionamentos ao modelo, especificamente à necessidade de um aparato de natureza sociolinguística em que os fatores sociais não são significativos. Questionamentos dessa natureza já foram feitos ao modelo sociolinguístico de base variacionista na década de 1970 (WEINER; LABOV, 1977; LAVANDERA, 1978; LABOV, 1978), o que levou a reflexões e ao fortalecimento da abordagem. A fim de contribuir para a reflexão e o fortalecimento da proposta de interface sociofuncionalista, neste texto, parte-se do seguinte questionamento: “o quão ‘sócio’ é o modelo?” Para responder a essa questão, podemos fazer outras perguntas conjecturantes: será que a não significância de fatores sociais e estilísticos se deve à estabilidade dos fenômenos que vêm sendo analisados, ou seja, o tipo de fenômeno analisado é “insensível” a fatores externos à língua? Ou a não significância de fatores sociais e estilísticos decorre de uma restrição metodológica, ou seja, a metodologia adotada (normalmente entrevistas sociolinguísticas) não dá conta de captar seus efeitos?

Para testar as conjecturas, escolhemos como fenômeno-suporte a gramaticalização de perguntas no português: da função mais pragmática, voltada para o ouvinte, passam a funcionar como estratégia de introdução, manutenção e retomada de tópico, na trajetória interpessoal >> textual (TRAUGOTT, 1982). Inicialmente, apresentamos o fenômeno em estudo. No segundo momento, apresentamos a análise do fenômeno em três contextos, marcados por papéis sociais e relações de poder bem específicos – fala, escrita e sala de aula. O cotejamento desses resultados permite a averiguação do contexto (e da metodologia de coleta de dados), subsidiando a reflexão inicialmente proposta.

Estudos sobre perguntas

No português, quanto aos aspectos formais, perguntas podem ser caracterizadas como estruturas com sintaxe interrogativa e entoação ascendente. Já quanto à função, o contexto (aqui entendido como *corpus*) atua fortemente, permitindo diferentes funções na fala, na escrita e na sala de aula. Antes de apresentarmos os contextos, vejamos algumas propostas para as perguntas.

Do ponto de vista das relações sociopessoais, as perguntas se caracterizam como atos de fala para estabelecer contato com o interlocutor numa negociação, configurando, assim, uma relação de poder assimétrica: quem faz a pergunta está em situação desfavorável em relação a quem é feita a pergunta. Por exemplo, se um falante pergunta “que horas são?” é porque está em desvantagem em relação ao ouvinte, que potencialmente detém o poder por saber que horas são.¹ Em uma perspectiva pragmática, esse tipo de pergunta é classificado como uma pergunta pragmaticamente sincera (OUSHIRO; NASSER, 2010). Já na perspectiva textual-interativa (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006; ARAUJO; FREITAG, 2010a, 2010b), assumida nesta análise, perguntas dessa natureza são classificadas como perguntas plenas, o valor mais pragmático/interpessoal assumido por esse tipo de construção.

1 Outro cenário pode ser aventado; nesse caso, o falante sabe que horas são e ainda assim pergunta ao ouvinte, configurando um ato de fala indireto. Mesmo fazendo a pergunta, quem detém o poder nessa situação é o falante.

A perspectiva textual-interativa parte de uma concepção de linguagem como forma de ação, atividade verbal exercida entre pelo menos dois interlocutores, dentro de uma localização contextual, em que um se situa reciprocamente em relação ao outro, levando em conta circunstâncias da enunciação. Assim, o papel sociopessoal do falante não está apenas relacionado à posição que este ocupa na sociedade, mas também se constrói nos procedimentos discursivos que se configuram como elementos persuasivo-argumentativos dentro do contexto da interação. É sob essa ótica que propomos analisar as perguntas: como procedimento discursivo relacionado ao controle do tópico (introdução, manutenção, mudança e retomada do tópico na situação de interação verbal), que transita do pragmático (pergunta plena/pragmaticamente sincera) ao gramatical (semirretórica, marcador discurso/estruturação do discurso).

Perguntas de estruturação do discurso (cf. OUSHIRO; NASSER, 2010), ou semirretóricas, na perspectiva textual-interativa, atuam na organização tópica do texto: “a introdução, a continuidade, a retomada e a mudança do tópico discursivo, já que ela [a pergunta] é multifuncional” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 146). São, pois, estratégias de organização textual.

Em um nível mais esvaziado do ponto de vista pragmático, estão os marcadores discursivos de base interacional, do tipo “procedimentos de requisito de apoio discursivo” (cf. VALLE, 2001; FREITAG, 2010), que funcionam como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional, e também estão relacionados à focalização e controle do tópico, funções de natureza textual (cf. FREITAG, 2010).

Quanto ao seu funcionamento no par dialógico, nas perguntas plenas, F1 pergunta e F2 responde; nas semirretóricas, F1 pergunta e F1 responde; e nas retóricas, F1 pergunta. Como podemos observar, as perguntas, em sua forma mais concreta, instauram um jogo de alternância de papéis sociais no par dialógico. Como essas relações perpassam no processo de mudança e abstração das funções? Uma investigação quantitativa pode dar indícios da gramaticalização rumo à função textual das perguntas. Pode, também, auxiliar na definição dos efeitos dos fatores socioestilísticos na emergência e regularização de fenômenos em níveis gramaticais mais altos, como é o caso das perguntas.

Em busca de dados

Em uma abordagem quantitativa, a escolha do *corpus* para análise depende tanto do objeto quanto dos objetivos da investigação. No caso do objeto “perguntas”, podemos optar por duas abordagens: a) constituir um *corpus* voltado para contemplar a dimensão de usos em situações/contextos (presumidamente variado, portanto, quanto a papéis sociopessoais dos participantes); ou b) constituir um *corpus* para varredura (uniforme quanto aos papéis sociopessoais dos participantes).

A escolha entre uma e outra abordagem impõe limitações: a investigação em *corpus* uniforme limita a observação do efeito de fatores sociais e/ou estilísticos; já a investigação em *corpus* variado limita a especificação de subfunções. Como o objetivo desta análise é averiguar os efeitos de fatores socioestilísticos, optamos por um *corpus* constituído de modo a contemplar diversidade de usos/contextos. Assim, o *corpus* de análise de perguntas foi constituído por três tipos de amostras: a) entrevistas sociolinguísticas, caracterizadas

como um registro oral de interação dialógica semidirigida; b) redações, caracterizadas como registro escrito de interação não-dialógica dirigida; e c) gravações de aulas, caracterizada como registro oral de interação dialógica dirigida.² Vejamos.

O registro oral é um recorte de um *corpus* constituído aos moldes da sociolinguística laboviana (LABOV, 2008 [1972]), com a gravação de uma entrevista, estruturada previamente quanto à diversidade tópica. Na situação de entrevista sociolinguística, quem controla o tópico é o entrevistador; não se trata de uma situação de interação espontânea, em que flui o vernáculo do entrevistado. No caso específico deste *corpus*, trata-se de uma situação de entrevista em que ambos os participantes são universitários: entrevistador (F1) e entrevistado (F2). Apesar de ser semidirigido, o registro é dialógico (há interação, troca de turnos) e a situação quanto aos papéis sociais constitui-se de modo simétrico. Observe-se (1).

(1) F1: *O que é que mais lhe atrai no curso de geografia?*

F2: O que me atrai... é eu conseguir... ver a sociedade de uma forma diferente... né?

F1: *Como assim ver a sociedade de uma forma diferente?*

F2: A gente vê um... um certo acontecimento... vê uma pessoa catando lixo na rua... e a gente não para pra pensar porque que aquela pessoa... cata... a gente não para pra pensar... porque é que a pessoa está naquela condição... a gente critica e discrimina aquela pessoa... e o curso me deu a possibilidade de eu tentar ver o que está para atrás daquela pessoa... além daquela pessoa... *o que foi que fez aquela pessoa estar naquela condição? é porque ele quer?* não é... tem todo um... coisas muito mais importantes que estão por trás... é a ausência de... de um poder público... é a falta de oportunidade de estar não trabalho melhor... diversos fatores né? então isso acabou acaba me instigando e acaba fazendo com que eu me interesse... né? por:: pelo curso né? (se ita fp sq 02)

Em (1), tanto entrevistador quanto entrevistado fazem perguntas; as perguntas do entrevistador são do tipo plena, que exigem resposta do entrevistado (F1 pergunta e F2 responde). As perguntas do entrevistado são do tipo semirretórica, pois ele mesmo pergunta e responde (F2 pergunta e F2 responde). No *corpus*, no entanto, encontramos também perguntas plenas do entrevistado, como podemos ver em (2).

(2) F1: Pegando Itabaiana quais as áreas assim que você acha que são mais promissoras do seu ponto de vista?

F2: *Na parte de contabilidade?*

F1: Como um todo

F2: *Como assim?*

F1: Não só de contabilidade como um todo

F2: Ah... Itabaiana é uma cidade... como todos sabem é uma cidade comercial... tudo gira no comércio... e o comércio de Itabaiana aqui... é familiar... pra você:: no caso... fazendo contabilidade você tem a área de administração... é muito difícil... porque geralmente (hes) os administradores são o próprios dono e os familiares... são pouquíssimas raríssimas empresas aqui ou comércio

2 O *corpus* de análise das perguntas é constituído por amostras linguísticas coletadas em diferentes etapas e com diferentes propósitos. As entrevistas sociolinguísticas pertencem ao *Banco de dados de falantes cultos de Itabaiana/SE* (CAAE – 0301.0.107.000-11), composto por 24 entrevistas de universitários de Itabaiana/SE, estratificadas quanto ao sexo dos informantes. As redações foram produzidas por alunos de ensino fundamental e pertencem ao *Banco de dados de escrita: textos narrativos e opinativos* (CAAE - 0302.0.107.000-11). E os dados de sala de aula são provenientes do projeto “O estudo da interação discursiva em aulas do ensino fundamental”, organizado por Santos (2002). As análises foram realizadas separadamente, e seus resultados de modo mais detalhado podem ser conferidos em Araujo e Freitag (2010a,2010b), Santos (2011) e Freitag e Santos (2012).

aqui... que o funcionário tem a oportunidade de crescer até uma parte administrativa u::ma gerência entre aspas né? porque tá tudo ligado aqui a família né? (se ita mb lq 01)

Em (2), há duas perguntas plenas do entrevistador (F2 pergunta e F1 responde). Como podemos observar, o *corpus* constituído apresenta ocorrências do fenômeno sob análise, e, apesar de ser semidirigido, apresenta alternância de turnos conversacionais de modo dialógico, permitindo o controle dos papéis sociais dos participantes.

Vejam os procedimentos para a coleta de dados de escrita. Os dados de escrita constituem um *corpus* coletado em sala de aula, composto por redações produzidas a partir de proposta dada pelas pesquisadoras. A relação de poder inicial instaurada é assimétrica, dado que o produto é objeto de um comando. Vejam exemplos de dados de perguntas neste *corpus* em (3)-(4).

- (3) As pessoas vão para hospitais chegam lar reclamam que está cheio não são bem atendidos *mas será que em casa ela fez a sua parte para o mosquito não se proliferar e se fez a sua vizinha fez ou não*, é isso que eu tô querendo mostrar que as pessoas só pensam em reclamar e estão de lados seus cuidados para derrotar o mosquito (...). (red. 74)
- (4) A dengue é um problema grave e que pode atingir a qualquer um de nós. O mosquito transmissor não escolhe a quem vai picar, não seleciona por classe social, cor ou qualquer outro critério. *A situação é emergencial, e de quem é a culpa dessa gravidade?* Nossa, de todos sem excessões. Todos devemos nos preocupar e combater essa epidemia que cada vez mais vai se alastrando pelo nosso estado por vários lugares do Brasil (...). (red. 36)

Tanto em (3) como em (4), temos exemplos de perguntas semirretóricas, aquelas que F1 faz e F1 mesmo responde. Deve-se destacar que registros escritos barram a participação de um F2 síncrono. Assim, nessa amostra, encontramos categoricamente dados de F1, o autor do texto.

Os dados de sala de aula referem-se a *corpus* coletado em sala de aula, com a gravação de aulas de ciências do fundamental. Nesse contexto, instaura-se uma situação de dependência; a relação de poder inicial instaurada é assimétrica. Vejam exemplos da ocorrência de perguntas na amostra de sala de aula em (5) e (6).

- (5) L1: isso... porque houve uma misTURa do material genético... das duas bactérias... então elas não vão ser iguais... exatamente iguais nem a essa... nem a essa... porque houve uma mistura de material genético... e quando há mistura do material genético os seus resultantes não são exatamente iguais àqueles que deram origem... *entenderam? Entenderam mesmo?*
L2: Sim senhora (p. 36, linha 1378)
- (6) L1: *A centopeia ele apresenta o quê?* um CORPO: achatado.. certo? que também é segmentado ... a diferença [...] Dio:go: *a diferença está em quê?* enquanto que os diplófagos *CADA segmento vai apresentar o quê?* dois pares de patas ou quatro pares nos que são é: *a centopeia/.../ em cada segmento eu encontrarei o quê ?* um par de patas certo ? (p. 76, linha 2967)

Em (5), temos um exemplo de pergunta plena, em que a professora (F1) pergunta e os alunos (F2) respondem. Em (6), encontramos uma série de perguntas semirretóricas, em que F1 pergunta e F1 mesmo responde. Apesar de apresentarem traços de pergunta semirretórica, funcionam tanto como elemento de contato entre os interlocutores, pedindo a aquiescência do ouvinte e/ou mantendo o fluxo conversacional, como solicitando a atenção do ouvinte para certas partes do texto, na função de focalização.

Como vimos, nas três amostras sob análise, foram encontradas ocorrências das funções textuais-interativas das perguntas, o que significa que aparentemente os diferentes contextos socioestilísticos não parecem influenciar no comportamento do fenômeno. Porém, o fato de haver ocorrências de todos os tipos de perguntas nas amostras controladas não significa que o comportamento seja homogêneo. Vejamos na seção a seguir a distribuição das frequências de perguntas na fala, na escrita e na sala de aula.

Frequências: efeitos de fatores socioestilísticos

A frequência de uso é um fator explanatório das abordagens de cunho sociolinguístico. O sistema, segundo Labov (2001), é de natureza probabilística. Nos estudos de gramaticalização, a frequência de uso também tem sido relevada, especialmente a partir da abordagem de Bybee (2003), com a frequência *token/type*, e da própria abordagem sociofuncionalista, incorporando a correlação variável/domínio funcional e variantes/formas de expressão.

Uma amostra composta por dados provenientes de diferentes *corpora* – o que, como vimos, possibilita captar nuances socioestilísticas relacionadas ao contexto e papéis sociopessoais dos participantes – restringe a manipulação estatística dos dados; cada conjunto de dados deve ser analisado individualmente, e os cotejamentos devem considerar as particularidades de cada coleta, como a extensão da amostra (número de indivíduos/células sociais) e a duração (tamanho do material linguístico coletado: linhas da redação, minutos de entrevista).

Vejamos, na tabela 1, a distribuição dos dados de perguntas quanto a cada um dos tipos de contexto de coleta: fala, escrita e sala de aula.

Tabela 1. Distribuição das perguntas nas amostras de fala, escrita e de sala de aula

	Fala		Escrita		Sala de aula	
	• Dialógica		• Não-dialógica		• Dialógica	
	• Relação simétrica		• Relação assimétrica		• Relação assimétrica	
	• 12 entrevistas		• 98 redações		• 8 aulas gravadas	
	• 347 perguntas		• 39 perguntas		• 463 perguntas	
	F1	F2	F1	F2	F1	F2
Plena	137	58	24	0	262	27
Semir.	18	98	13	0	167	0
Retórica	0	36	2	0	6	1

A apresentação dos resultados considera as frequências absolutas. No registro oral, em 8 aulas gravadas (cada aula com 50 minutos), foram computadas 463 perguntas, enquanto em 12 horas de gravação de entrevistas sociolinguísticas foram computadas 347 perguntas. Proporcionalmente, há muito mais ocorrências de perguntas no contexto de sala de aula do que no contexto de entrevista sociolinguística entre dois universitários. Tal resultado seria esperado, uma vez, que na entrevista sociolinguística, F1 determina a condução do tópico para F2. A sala de aula é, portanto, o espaço socioestilístico das perguntas. Porém, ao observamos a distribuição quanto à tipologia das perguntas, o resultado se inverte de uma maneira surpreendentemente perversa: a sala de aula não é o espaço da

interação, da construção do conhecimento. A sala de aula é o espaço de domínio do tópico do professor, pois quem pergunta na sala de aula, ao contrário do que se esperaria, é o professor: são 435 perguntas de um único F1 contra apenas 28 perguntas de uma sala de F2!

Se as perguntas semirretóricas são as perguntas que auxiliam na estruturação do discurso, conforme Oushiro e Nasser (2010), ou atuam como mecanismo de manutenção, controle e focalização do tópico, conforme Araujo e Freitag (2010a, 2010b), os resultados nos mostram que os alunos pouco podem expor sua opinião em sala de aula, pois das 28 perguntas realizadas, 27 foram plenas, uma retórica e nenhuma semirretórica.

Cenário diferente se delinea no contexto de entrevistas sociolinguísticas. Embora F1, o entrevistador compute o maior número de ocorrências de perguntas, a diferença para F2 é minimizada: são 155 perguntas do entrevistado contra 190 perguntas do entrevistador. A distribuição quanto aos tipos de perguntas também denota diferença socioestilística: enquanto entrevistador (F1) agrega majoritariamente perguntas plenas e apenas 18 perguntas semirretóricas, sem haver ocorrência de pergunta retórica em sua fala, o entrevistado (F2) faz uso dos três tipos de perguntas, embora predominem as perguntas semirretóricas, aquelas que atuam no planejamento textual.

No registro escrito, situação em que não há um F2 síncrono, as perguntas são estratégias menos produtivas, se comparado ao registro oral. Quanto ao tipo, as perguntas distribuem-se gradualmente da mais concreta, pergunta plena, à mais abstrata, pergunta retórica. As perguntas plenas em registro escrito se justificam pelo fato de, em textos narrativos, ser frequente o uso de fala reportada e, daí, as perguntas.

A constituição de um *corpus* que contemple a diversidade de usos em situações/ contextos, variado quanto aos papéis sociopessoais dos participantes, permite que se visualizem os contextos mais propícios à emergência e regularização das formas, a “porta de entrada” no sistema linguístico. A correlação entre formas e contextos propicia não só a emergência e regularização, mas também a associação a papéis sociopessoais dos falantes. Labov (2008 [1972]) destaca que a variação social desempenha também um papel sistemático na mudança linguística. Ao ponderar as reações subjetivas à mudança linguística, Labov (2008 [1972], p. 353-363), a partir de estudos de base sociolinguística, apresenta tendências socioestilísticas da variação, tais como: formas novas avançam mais rapidamente num grupo particular de falantes, frequentemente um grupo de baixo status social, difundindo-se para fora; mulheres tendem a adotar formas inovadoras mais rapidamente que os homens; há forte efeito da avaliação de pares em grupo pré-adolescentes sobre a mudança da linguagem de seus membros. Entretanto, a adoção de um *corpus* uniforme, como são os bancos de dados sociolinguísticos (PEUL, VARSUL, VALPB, entre outros), não permite que se captem tais nuances de modo sistemático.

Voltando à questão do sociofuncionalismo, e de o quão ‘sócio’ é o modelo, podemos responder, com base no estudo do comportamento das perguntas no *corpus* heterogêneo analisado, que os fatores sociais e estilísticos são, sim, significativos. O que ocorre é uma restrição metodológica: com a adoção de um *corpus* padronizado e homogêneo, o comportamento descrito vai sempre se referir a aquela amostra e suas características socioestilísticas específicas. Obviamente, o uso de bancos de dados sociolinguísticos é uma maneira otimizada de se realizar uma investigação, possibilitando a comparação de resultados com outros fenômenos correlacionados e também em outras amostras que sigam

o mesmo padrão de constituição. Por outro lado, coletas de dados diversificadas permitem ampliar os contextos socioestilísticos analisados, possibilitando uma compreensão mais ampla do fenômeno em termos de seu uso na comunidade.

Assim, antes de se determinar que os fatores sociais (ou socioestilísticos) não são significativos em fenômenos de emergência e regularização analisados sob a ótica sociofuncionalista, é preciso garantir o escopo desta determinação, realizando coletas paralelas em amostras diversificadas, ou, então, assumir a premissa de que não se vai dedicar atenção a estes fatores na análise por limitação metodológica.

Considerações finais

Abordagens de interface teórica sempre precisam ponderar as potencialidades e limitações de ambas as partes envolvidas. A interface sociofuncionalista, ao não relevar em seus resultados os fatores sociais, propicia o questionamento de “o quão sócio” é a abordagem. Testamos duas hipóteses: a de que a não significância de fatores sociais e estilísticos é devida à estabilidade dos fenômenos que vêm sendo analisados, e a de que a não significância de fatores sociais e estilísticos é decorrente de uma restrição metodológica.

Tomando como objeto a gramaticalização de perguntas, na trajetória interpessoal >> textual, e analisando-as em um *corpus* constituído por amostras variadas quanto aos papéis sociopessoais e relações de poder estabelecidas entre os participantes, constatamos que o *corpus* não restringe a ocorrência das funções das perguntas, mas impõe gradações de frequência. Logo, fatores socioestilísticos influenciam no padrão de distribuição das funções textuais-interativas das perguntas.

Tal resultado sinaliza que devemos acender o sinal amarelo antes de afirmarmos que os fatores socioestilísticos não são significativos em fenômenos de emergência e regularização analisados sob a ótica sociofuncionalista, especialmente em níveis gramaticais mais altos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Andréia Silva; FREITAG, Raquel Meister. Ko. Estratégias de interação na fala: funções das perguntas na fala de Itabaiana/SE. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão, v. 10, n. especial, p. 107-120, 2010a.

_____. “Quem pergunta quer resposta!” – perguntas como estratégias de interação na escrita. *Via Litterae*, Anápolis, v. 2, n. 2, p. 321-225, 2010b.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization. In: JANDA, Richard; JOSEPH, Brian (Eds.) *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. O par dialógico pergunta – resposta. In: JUBRAN, Clélia; KOCH, Ingedore (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTOS, José Carlos Lima dos. Perguntas na sala de aula: relações de poder, tópico discursivo e conhecimento. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 10, p. 83-96, 2012.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. [1972]

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Papers*, Austin, n. 44, p. 43-88, 1978.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in society*, Cambridge, v. 7, p. 171-182, 1978.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia Pereira. *A interface Sociolinguística/Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NARO, Antony; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 125-134, 2001.

OUSHIRO, Livia; NASSER, Juliana Antunes. Perguntas e respostas em entrevistas sociolinguísticas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL LINGUAGEM E INTERAÇÃO, II, 2010, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Casa Leiria, 2010. p. 768-790.

SANTOS, José Carlos Lima dos. *Estratégias de interrogação: pergunta-resposta no discurso de sala de aula*. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. “É o que?” estratégia de interação ou sequenciação? *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, p. 157-166, 2010.

_____. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 115-132, 2009.

_____. *A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. *A interação em sala de aula*. Recife: Edições Bagaço, 2002.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TRAUGOTT, Elizabeth. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMMAN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 245-271.

VALLE, Carla Regina Martins. *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?*: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

WEINER, Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, Cambridge, n. 19, p. 29-58, 1977.